

Uma especulação parva

Especulação parva lhe chamamos, fugindo, talvez, à sua verdadeira classificação.

O *Século* de ontem lá voltou a remoer, acêrca da manifestação a Belém—que traz atravessada na garganta—para concluir que ela não era republicana, vendo, pelos modos, grande perigo nisso.

Ao *Século*, e ao seu inspirador Pereira da Rosa, causa engulhos que algumas dezenas de milhar de pessoas, embora com ideias políticas e sociais diferentes, mas, momentaneamente entendidas ante um inimigo comum, fôsem ante o Chefe do Estado protestar contra os exploradores.

Mas, se o *Século* fôsse republicano como apregoa, até deveria agradecer-lhe que alguns milhares de homens avançados, em dado momento, contemporissem, fiando do primeiro magistrado da República uma solução transitória!

Não querêr isto! Entende, no seu republicanismo católico, militarista, reaccionário, que é melhor coligar-se, eleitoralmente, com Pequito Rebelo e outros inimigos do regime, assim como prefere aos interesses do povo, a defesa entusiástica dos banqueiros e do comércio rico, porque, afinal, estes é que pagam.

Nesse ponto, Pereira da Rosa é esperto, e sabe, por experiência, que o *Século* é uma magnífica agência de negócios.

Por isso, dá ordens para se defenderem os banqueiros e o comércio rico. Por isso manda elogiar os católicos e os conservadores. Por isso ordena que todos os dias se escrevam essas grotescas notícias de baixa adulação ao exército, à polícia e à guarda republicana.

Haverá alguém ingénuo que suponha que tal orientação obedeça a um movimento conservador, embora, mas cheio de sinceridade, ou que tais opiniões são, por respeito e homenagem ao Exército?

Puro engano. Tudo aquilo é negócio. Negócio e de alta escala para os banqueiros ricos e comerciantes privilegiados, especialmente para Pereira da Rosa e seu grupo. E dizemos banqueiros ricos e comércio privilegiado, porque a maioria dos comerciantes, que são os mais pobres, apenas estão servindo de degrau para Pereira da Rosa tratar dos seus negócios e inchar de vaidade.

Não, que o *Século* logo era adquirido, em almeida, por 10 mil contos, para defender os interesses do povo...

Vejam lá os trabalhadores, atendam todos os consumidores—incluindo o próprio exército, a polícia, a guarda, que também são explorados—se o *Século* já disse alguma coisa acêrca da escandalosa alta dos preços dos géneros, da má qualidade e roubo de peso no pão, e de tantas e tantas torpíssimas explorações de que é alvo o povo trabalhador e as classes intermédias?

Ao *Século* só lhe interessa dizer que a manifestação a Belém não foi, totalmente, republicana.

Mas se os comerciantes, os industriais, os banqueiros que nos exploram, para exercerem a sua exploração não carecem de saber a nossa identidade política ou social, que se importa o *Século* que a manifestação fôsse ou não republicana?

Foram mais de 80 mil pessoas; foi o povo que trabalha e que é eternamente explorado. Pois não bastará esta qualidade?

No mesmo artigo de ontem, onde especulava com a manifestação de Belém, o *Século*, sempre na sua rastejante adulação ao exército, lá vinha referindo que dois militares haviam falecido recentemente, em situações miseráveis.

Sim, por um alto sentimento de humanidade que estendemos a todos os seres e não só aos militares, nós também lamentamos esses factos.

Mas que autoridade tem o *Século* para carpir as suas máguas, apontando apenas como culpados os políticos? Pois não é o *Século* o campeão das forças económicas que se revoltam para não pagar ao Estado o que este precisa para as suas despesas normais? Pois não é o *Século* o campeão da gente poderosa e rica—dessa gente que nenhuma instituição de vulto, de benemerência ou educação fundou em Portugal? Se esses militares, como tantos

Os intelectuais contra as oligarquias

“Enquanto as oligarquias esbanjam o povo trabalha e sofre” diz-nos o dr. Magalhães Lima

Outro intelectual que protesta, outro intelectual encaçado nas lutas do pensamento e que exprime com o máximo desassombro a sua opinião contra as oligarquias o dr. Magalhães Lima, que nos diz com *elan* magnífico, que é um belo exemplo para os jovens, tímidos, retraídos:

—As minhas primeiras obras foram obras económicas e sociais. Nunca os homens passaram, no mínimo que fosse, sobre o meu espírito. Tive sempre o ideal humano; como objectivo supremo. Fora dele, tudo se me afigura secundário. E foi este o motivo, porque nunca quis nada da República—nem cargos, nem honrarias, nem sequer um centavo. Posso, pois, falar de cabeça erguida e assim quero manter-me.

—Considera-se nesse caso independente? —Sem dúvida! Independente de influências partidárias e pessoais. Por isso penso que os últimos acontecimentos, baseados sobre a aspição de uma frente única constituída ao ponto de vista da administração pública, E a democracia, enfim, que se afirma triunfalmente. E posta assim a questão, nem o recio será já possível, nem os partidos poderão continuar a trilhar a mesma senda que trilhavam com os seus interesses inconfessáveis, com as suas clientelas imorais e com o seu repugnante mercantilismo.

—Que pensa dos acontecimentos que ultimamente se desenrolaram em Portugal? —O que se passou entre nós corresponde à mesma crise que avassala presentemente todos os países. E' um duelo de morte entre dois espíritos antagonistas: o espírito do conservantismo e o espírito de democracia. Sobre a vitória final, não pode haver dúvida. A história o demonstra.

A actual sociedade é uma sociedade abjecta, condenada a desaparecer

—Qual foi, em sua opinião, o significado das últimas manifestações?

—Restringindo-me à nossa política, dir-lhe-hei que foi um protesto vivo contra os abusos, o arbitrio e as transigências indecorosas em que temos vivido e que originaram o retraimento político de muitos e a desilusão de quasi todos.

—Supõe, pois, que era inevitável o sucedido?

—Absolutamente inevitável. As oligarquias dominavam e o povo trabalhava e sofria. Ora a base de uma verdadeira democracia é o povo, e esse não era ouvido para nada. A sociedade portuguesa compõe-se de espoliados e de exploradores. A cegueira da vida é uma prova clara do que deixamos dito. O que me interessa no mundo não são os grandes nem os poderosos; o que me interessa são as vítimas. Uma sociedade que vive exclusivamente para fazer fortuna, à custa da miséria do maior número, é uma sociedade abjecta, condenada a desaparecer.

—Julga, pois, que tem de ser modificado o actual estado de coisas?

—Julgo que as velhas fórmulas políticas fizeram o seu tempo, que é outro o método a seguir, que são outros os processos, que é outra a orientação. República só pela República, nada significa. Todo o ideal, todos os princípios que não revestem um carácter social cairão por falta de base moral e mental. A evolução da história tem um amplo carácter, subjectivo e objectivo.

—E cre que está assegurado o êxito? —O êxito depende de nós, do nosso querer, da nossa tenacidade. O dilema é claro: ou a continuação da guerra em que temos vivido, que nos humilha e degrada, ou a afirmação da paz. E o grande Jaurès teve razão quando disse que a afirmação da paz é o maior dos combates.

—Que resta, pois, fazer?

—Prosseguir nas mesmas reivindicações económicas, na mesma depuração dos costumes viciados, firmar a nova moral sobre bases humanas. E ter sempre em vista um ideal de justiça. Quando uma causa tem por si a verdade, a justiça o triunfo está de antemão assegurado.

Contra a Razão, não há dinheiro que possa prevalecer nem violência que possa perdurar.

paisanos, vivem situação miserável, onde está o movimento de piedade, de activa e nobre generosidade, iniciado pelas forças económicas?

O *Século* precisa convencer-se que não está falando só para parvos. E ninguém acredita, nem mesmo a família do exército, que os 10 mil contos que os seus donos gastaram para o adquirir foi para defenderem os interesses do povo ou do país. As associações comerciais e financeiras, por enquanto, ainda não são sinónimo de país.

O artigo de ‘LA PROTESTA’

O Conselho Confederal solidariza-se com a atitude ontem assumida pela ‘A Batalha’

Como nos fazemos eco noutra local, o conselho confederal aprovou a seguinte moção, liquidando este incidente que tanto tem apaixonado vários organismos operários:

“O Conselho Confederal, apreciando a questão suscitada em ‘A Batalha’ com a transcrição do artigo publicado no jornal ‘La Protesta’, resolve solidarizar-se com o artigo publicado hoje na ‘Batalha’, englobando no mesmo artigo tudo que possa respeitar à Federação Marítima.”

Os exploradores

No intuito de estabelecer a confusão no ânimo dos manifestantes que foram a Belém, como explorados, protestar contra a tirania dos exploradores, O *Século* de ontem, pela pena do dr. Trindade Coelho, quiz provar que o único explorador é o Estado porque, conforme os exemplos que apresentou, deixou morrer de fome um capitão reformado, com 40 anos de serviço em Africa e ainda porque levou ao suicídio um mutilado que arriscara a sua vida nos campos da Flandres.

E nós dizemos ao sr. Trindade Coelho que realmente o Estado é, assim, explorador, não apenas pelos dois factos que apontou mas por milhares que ficaram por dizer. O que o dr. Trindade Coelho não disse—porque não lhe convinha—é que esse capitão esteve em Africa, sacrificando a sua saúde, para garantir a ordem ou melhor, a repressão que permitisse aos comerciantes ou roceiros explorarem o negro, e que o mutilado que se suicidou foi arriscar a sua vida na Flandres, numa guerra bárbara, para que as forças vivas que não arriscam a pele negociassem, como estão negociando, com a miséria do povo.

O Estado é explorador, por isso combatemos—da despeito do dr. Trindade Coelho que quiz apresentá-lo tão antipático, o ter defendido no começo do mesmo artigo, pondo em destaque uma frase de ‘A Batalha’ que preconizava a luta contra o Estado.

Sim, o Estado é uma máquina de exploração, sobretudo porque está nas mãos dos maiores exploradores—as forças vivas—que dêle se servem para amarrar os braços ao povo quando êle se quer defender.

Porque não lembrou o sr. Trindade Coelho as crianças que têm morrido intoxicadas pelo leite adulterado que as forças vivas nos vendem? Porque não citou os negociantes de bacalhau pôde? Porque não recordou as especulações cambiais que reduzem o povo à miséria? E as mulheres que trabalham como escravas nas oficinas dos industriais—dos forças vivas? E os salários miseráveis que se pagam ao operário? E a exploração dos menores? E os desfalques na Companhia Aliança? E toda essa exploração ignóbil que de Norte a Sul o comércio, a agricultura, a indústria, a finança estão exercendo, (com a complacência desse Estado que insulta só porque houve um ministro que teve palavras mais justas) não merecerão a maior das repulhas, o mais tenaz dos combates?

Que mania a desta gente—falar quando lhes falta toda a autoridade moral para isso...

AS “FORÇAS VIVAS” já se julgam o Exército, a Nação e o Estado!

O *Século* afirmando que num manifesto, com o timbre da C. G. T., se atacava o Estado e a Nação, atacando-se o Exército, transcrevia do mesmo os seguintes trechos onde não vimos alusões desprimorosas senão à ditadura das forças vivas:

“Camaradas operários e camponeses, soldados e marinheiros, escutai-nos. Vós ainda nos conheceis. Sômos pais e filhos de trabalhadores como vós. Por certo que a farda que fostes obrigados a envergar não vos fez esquecer a vida miserável que, quando crianças e já adolescentes, vistes no vosso lar humilde. O facto de constituídes hoje, e temporariamente, transitoriamente apenas, uma classe apartada, não vos fez esquecer que sois filhos da grande família de trabalhadores, vítima explorada, miserável sempre... Escutai-nos, pois.”

“Camaradas soldados! Camaradas marinheiros! Os trabalhadores das oficinas e dos campos preparam-se para a mais eficaz e violenta defesa contra os maieiros fascistas das ‘forças vivas’! E alasso! operária prepara-se para combater com energia a ditadura que os seus exploradores a pretendem subjugar. Vós deveis vir também em reforço desta luta dos vossos irmãos operários e camponeses. Sim! Vós protestareis como contra a ditadura que se premedita, e da qual seis também vítimas como membros que sois da grande família de trabalhadores.”

A ditadura é preciso opôr a frente única de combate dos operários e camponeses, quer eles estejam na oficina, nos campos ou na caserna!

Operários e camponeses! actualmentes mobilizados: Vós confraternizai-vos com o proletariado!”

Parece que as forças vivas já se julgam o Exército, o Estado e a Nação. Por isso, talvez tudo querem roubar e governar...

O SUPLEMENTO DE “A BATALHA” VENDE-SE EM TODAS AS TABACARIAS

A ofensiva dos exploradores

A par da política infame da baixa dos salários, a burguesia está pondo em prática a outra política igualmente infame da alta do custo da vida.

Anuncia-se já nos jornais o aumento do preço do açúcar, alegando-se que a baixa que este género obtivera obedecera a uma manobra dum *trust* de negociantes. Esse *trust* conseguiu, forçando a baixa de preços, inutilizar os seus concorrentes e agora, sózinho em campo, vai fazer gemer o consumidor, arrancando-lhe a pele elevando os preços desse precioso género a alturas que já inconcebíveis.

Belos transe esperam, pois, o povo consumidor. A tática das ‘forças vivas’, que todos os dias choram lágrimas de corcodelo nas columnas do *Século* e armam em vítimas, é essa que se está vendo: explorar o povo que trabalha, diminuindo-lhe os salários e ordenados; explorar o povo consumidor, aumentando-lhe o custo da vida.

Sabemos também que o custo das fazendas para fatos vai aumentar, o que, como se vê, obedece a um plano de carestia geral com que as ‘forças vivas’—talvez como ‘révanche’ contra as manifestações públicas de desagrado a que têm assistido—pretendem esmagar o povo.

Não sabemos se o governo está disposto a seguir, em obediência ao prego de guerra do seu antecessor, na luta pelos explorados contra os exploradores.

Os exploradores, porém, é que não devem limitar-se a confiar na problemática acção do governo—devem agir, e quanto antes

O NOVO GOVERNO

As declarações feitas pelo governo no acto de posse, são muito ambíguas. Não têm aquela clareza e espontaneidade das afirmações que sempre fez o sr. José Domingos dos Santos. Esperamos que hoje, no Parlamento, o sr. Vitorino Guimarães seja mais explícito, e enumere todos os assuntos de que tenciona ocupar-se o seu governo e a forma como os encara, não esquecendo nenhuma das medidas do governo transacto.

Desejariamos saber a sua opinião sobre o *habeas corpus* e o reconhecimento das Federações e Confederações do Trabalho, se modifica a lei de 9 de maio de 1891, se está na disposição de continuar a proibir conferências, sessões, comícios, tudo, enfim, quanto representa, o direito e a liberdade do povo.

Aguardamos essas declarações para, por elas, pautarmos a nossa atitude, que desde já podemos dizer que será de aberta hostilidade, se se inclinarem para as forças vivas; e de atenta expectativa, se fôr definitivamente contrário às oligarquias financeiras e industriais. Nesta última hipótese, o governo poderá contar que o operariado nenhuma dificuldade lhe criará, sem contudo deixar de reivindicar os seus direitos e usar deles.

Uma dessas reivindicações é a liberdade de reunião. E' absurdo que ainda hoje seja necessário para qualquer reunião, fazer requerimentos à autoridade, e isto, com antecedência de muitas horas, e se esta sujeita a ser ou não permitida essa reunião.

Diz-se que a política deste governo será idêntica à política do governo anterior. Mas há quem a aproxime também dos dois governos de Alvaro de Castro e Rodrigues Gaspar e francamente, pelo que diz respeito ao operariado e às questões que particularmente nos interessam, esses governos foram valores inteiramente negativos. Em nenhum deles notámos qualquer coisa que se parecesse com a compenetração do momento revolucionário em que nos encontramos. Não lhes vimos senão indecisão. E' assim que o sr. Vitorino Guimarães conta fazer a sua política?

Por outro lado o Parlamento há-de querer justificar o facto de ter mudado de governo. Se este novo governo é precisamente, quanto aos princípios e aos processos, o mesmo que o anterior como vai governar com o Parlamento?

Por todas estas razões a nossa posição é de receio e pouca confiança sobretudo nos políticos que apoiam o actual governo.

Se o governo transigir com êles, procurando moderar o seu radicalismo e não preferir arrostar com nova moção de desconfiança, poderá ter assegurada uma longa vida política, mas não terá da nossa parte outra coisa que não seja uma permanente hostilidade, pela tração feita à população, que com a sua manifestação do dia 13 tornou impossível a constituição de qualquer governo que não tivesse uma feição anti-oligárquica ou esquerdista, se o preferem.

Uma Internacional fascista?

O ministro do Interior da Itália concedeu uma entrevista sensacional à imprensa da qual se pôde ver a situação que reinava na paz no interior da Itália e que a situação era normal.

Ninguém pode crer nestas palavras, pois se o governo se sentisse, como êle diz, senhor da situação, não teria continuado a suspender os jornais e a perseguir os membros da oposição.

Na realidade o ministro do Interior italiano sente-se bastante inquieto com a atitude que o Senado adoptou no respeitante à reforma eleitoral e militar.

Mas o que está interessando a opinião pública neste momento é a reunião do grande conselho fascista que foi anunciada para o dia 12 deste mês.

Segundo as informações dos correspondentes alguns jornais estrangeiros em Itália tratam-se de examinar um projecto para a criação duma *entente* permanente entre os governos e os agrupamentos mundiais que desejam o fascismo.

Não deixa de ser uma ideia original esta das camisas negras. No entanto também seria interessante saber qual seria o governo que desejaria aderir ao fascismo e quais seriam as organizações da Europa que reivindicariam um tal epíteto.

“A Batalha” vende-se em todas as tabacarias

UM COMÍCIO que toma deliberações sobre a crise de trabalho na C. Civil

Na rua Coelho da Rocha, realizou-se ontem um comício no qual usaram da palavra industriais, comerciantes, construtores e operários.

Foi deliberado fazer várias reclamações, consubstanciadas nas conclusões da seguinte moção que foi entregue ao presidente do ministério, o qual prometeu apresentá-la ao parlamento:

1.º Pedir aos poderes legislativo e executivo que sejam anuladas todas as execuções que se deram de há dois anos a esta parte, e bem assim as pendentes e futuras, de prédios que tem ido à praça, e que sejam suspensas todas as execuções futuras sobre prédios e sobre comerciantes, industriais e construtores que não tenham presentemente, digo de momento, disponibilidades para satisfazerem os seus compromissos, devido à crise que presentemente se atravessa.

2.º Que todos os prédios iniciados sejam imediatamente concluídos para que a indústria tenha laboração, e os operários tenham colocação imediata.

3.º Que os capitalistas que tenham hipotecas sobre prédios, não possam receber mais do que o juro da lei.

4.º Se os capitalistas e proprietários não quiserem concluir os prédios, que sejam os mesmos prédios entregues aos fornecedores de materiais, que por sua vez tomam o compromisso de os concluir, delegando depois êsses credores num só, para os representar na administração dos ditos prédios.

5.º Depois dos prédios concluídos, tomam os credores o compromisso de pagarem aos capitalistas, os respectivos juros do seu capital.

6.º Depois dos credores terem recebido todos os seus créditos, tomam o compromisso de entregarem os prédios aos respectivos proprietários anteriores.

7.º Os credores tomam inteiro compromisso de prestarem contas exactas da sua administração, aos primitivos proprietários.

8.º Os credores aludidos fazem a sua administração gratuita.

A LIBERDADE DE SER ACTOR

Temos sempre combatido contra as restrições que se fazem às liberdades individuais indispensáveis numa sociedade que pretenda, pelo menos, passar por civilizada.

Foi baseado nesse critério de liberdade individual que combatemos a decadente cédula individual que quasi inutilizámos por completo. Partidários do sindicalismo, nunca aceitámos a ideia da sindicalização obrigatória porquanto muito presamos a liberdade individual.

Em assuntos de arte somos pela expansão máxima da individualidade e entendemos que o artista deve exercer livremente a sua profissão.

Do dia 2 de Março em diante nenhum artista de teatro poderá exercer a sua profissão sem tirar uma licença.

Protestamos contra o cerceamento desta liberdade que contribuirá, estamos certos, para acentuar mais ainda a triste decadência do teatro português.

Assuntos ‘sensacionais’...

As agências de informações acabam de telegrafar a todos os cantos do universo que uma chamada princesa Flora, andando a dançar num restaurante noturno de Montmartre em companhia do pugilista Carpentier, perdeu um colar de perolas avaliado em mais de 3.500 libras.

Não sabemos em que este caso, ou outros semelhantes, poderão interessar a população do globo. Se essa tal princesa possuía um colar tão valioso, é porque, naturalmente a sua fortuna deve ser enorme, o que lhe permitia comprar muitos outros colares parecidos.

As agências de informações poder-nos-iam ter poupado assuntos de tão pouca importância.

Melhor ficaria se as mesmas telegrafassem para os quatro cantos do mundo quantos miseráveis estão actualmente morrendo de fome.

Era obra mais útil e tempo menos mal gasto.

A imprensa de Constantinopla e a municipalidade

CONSTANTINOPOL, 17.—A imprensa desta cidade iniciou uma campanha contra a municipalidade, em virtude dum chamado do Prefeito ter agredido há dias um jornalista e ter abusado, em geral, da complacência dos jornais para atacar os actos praticados por aquela autoridade. Para futuro, a imprensa recusa-se a relatar as reuniões dos municípios ou a qualquer notícia relativa a esse corpo administrativo.

Além disso, os jornais apoiarão o jornalista agredido, apresentando queixa ao tribunal competente.—R.

Eis um gesto bastante simpático que deveria ser imitado pela imprensa portuguesa. Evitar-se-iam assim os abusos de autoridade e todos os jornais pugnariam pela justiça e pela razão.

Como conseguem os trabalhadores modificar as suas condições de vida

A energia com que os mineiros organizados têm lutado contra o movimento da baixa de salários está finalmente produzindo resultados tangíveis.

Oito das mais importantes empresas independentes de Connellsville, secção de coke da Pennsylvania, acharam ser impossível manter a baixa tabela de salários de 1917, e depois de conferenciarem com os seus empregados puseram novamente em vigor a tabela de 1 de Setembro de 1920.

Este rompimento nas fileiras dos industriais não associados deve contribuir para o melhoramento das condições dos mineiros na região de Pittsburgh, e produzirá certamente nos campos desorganizados da Virginia Occidental uma tendência para a elevação dos salários.

A IRMANDADE HUMANA... “Todos os homens são irmãos” sem que entre eles exista a fraternidade!

A ideia de que todos os homens são irmãos já vem de há muitos séculos, de séculos bem longínquos. Só foi possível vulgarizar essa afirmação ao fim de muitos atentados cometidos contra a irmandade humana, atentados em que foram vítimas, e dolorosas vítimas, os primeiros e até os segundos que a pregaram. Para não recusarmos demasiadamente aos tempos que foram, limitemo-nos à recordação, nada recente, dos cristãos de há 2.000 anos. Esses apóstolos correram mundo, na sua vasta e corajosa evangelização. Gritaram em muitos pontos do globo que todos os homens eram irmãos, que a mais completa das fraternidades devia orientar todas as suas acções. E que resposta receberam êles dos outros homens? A afirmação mais cabal dessa fraternidade que êles tão encarnadamente pregaram?

Em boa lógica não podem ser consideradas afirmações de fraternidade as mais cruéis perseguições, os mais violentos ultrajes, os mais horroresos suplicios.

—Amai-vos uns aos outros—dizia, redizia um desses apóstolos, o mais célebre, o mais discutido, o mais lendário. E' que lhe responderam os homens? Supliciar-lhe-no.

Estes homens falavam em nome dum Deus e sob a sua suprema sanção,—mais: por inspiração da sua própria vontade,—proclamavam na mais perfeita das irmandades, a mais absoluta das igualdades e das fraternidades. Tudo existia por vontade de Deus; só acontecia o que Deus de antemão liberava que assim fôsse. E os cristãos eram lançados às feras—as feras ainda faziam parte da irmandade—e por elas dilacerados e devorados. Morriam quasi anestesiados, num tal êxtasi, pelo Deus impassível que os deixava morrer, que não sentiam, não compreendiam que o aniquilamento da sua vida, representava a negação definitiva, o esmagamento completo da sua ideia. E os homens e as mulheres—que também pela doutrina cristã faziam parte da irmandade—assistiam nos circos romanos aos seus ultrajes, aos seus suplicios, aos seus massacres, não com dolorosa piedade, mas com fiel crueldade; gosavam na proporção dos seus sofrimentos e viam no seu suplicio o mais belo, o mais ‘humano’ dos espectáculos; que nele se deliciavam quasi no mesmo fervoroso êxtasi existente nos olhos e na alma dos torturados.

Hemos de concordar que se o martírio dos cristãos os ergue a grandes prestígios, um simples raciocínio os torna muito ridículos. Então o despota Nero era irmão das suas vítimas? O próprio cristão que morre na romana arena por amor pelo próximo era irmão daqueles que o condenavam?

Esperavam—e nessa esperança sofriam e morriam—que a ideia de que todos os homens eram irmãos fôsse o bastante para criar entre êles o reino da maior fraternidade. E um dia os cristãos triunfaram...

Teria triunfado, com êles, a sua ideia? Entrara-se no reino da fraternidade? Todos os homens passaram a ser irmãos?

Foram os cristãos vitoriosos que se encarregaram de aniquilar a ideia de que todos os homens eram irmãos. Tornaram-se rapidamente católicos, isto é, passaram de mártires a carrascos, de supliciados a suplicadores. E o mesmo Deus que os inspirava assistiu às violências que êles cometiam com a impossibilidade de que outrora assistira às violências que os vitimavam.

Em nome da máxima ‘amai-vos uns aos outros’ praticaram-se crimes, realizaram-se chacinas geraram-se iniquidades! Todos os homens eram irmãos, mas a Bíblia que pregava o amor arrastava ao ódio. E arrastou as mais cruéis perseguições.

Preguem a um rico banqueiro, a um rico banqueiro que seja católico, se todos os homens são irmãos. O argenteiro, sem uma hesitação, afirmará que a irmandade humana é uma realidade. O mais concreto dos reaccionários dará resposta igual à do banqueiro, o que nada nos admira, pois o inquisidor Torquemada tinha, até ao fanatismo, essa opinião. Isso não impede que o banqueiro viva especulando sobre acções de minas onde milhares de ‘irmãos’ são aviltados e torturados. Isso também não impede que o mesmo argenteiro se regosije com o fusilamento dos ‘irmãos’ da mina para sufocar uma greve.

A criança que tira de frio e miséria é irmã da que vive na opulência? Dizem os reaccionários, em nome do catolicismo, que sim, diz-nos a realidade, em seu forte contraste entre a dor e a alegria, que não. Ofereçam ao rico que cubra de farrapos o seu filho e o reduza à condição de criança que vive na rua e dorme ao frio.

O rico indignar-se há espantosamente, gritará que nunca cometeria ou consentiria essa desumanidade. A-pesar-disso, para êle todos os homens são irmãos, entre êles deve existir a fraternidade. Apenas, com uma condição: que a criança pobre sofra, e o seu filho viva na mais requintada e confortável situação.

Os ricos e os pobres, os poderosos e os humildes, os exploradores e os explorados e os carrascos e as vítimas, são todos irmãos. E é esta monstruosa afirmação, que só abstractamente é concebível, que tem feito da irmandade humana o que ela hoje, ainda persiste sendo. Não será tempo de acabar com a fraternidade de Abel e Cain?

Com a irmandade do argenteiro e do proletário? Estamos fartos de sofrer em nome dessa ideia falsa que, pregando o amor, gera o ódio, que criou as vítimas para eterna satisfação de todos os carrascos, e os carrascos para eterno sofrimento de todas as vítimas...

LER E ASSINAR Os Mistérios do Povo

O Carnaval

Do último número da revista pedagógica *Educação Social* transcrevemos a seguinte nota sobre a quadra que atravessamos:

«O Carnaval, muito embora seja uma subversão do catolicismo ao paganismo, é também, por sua vez, um processo de subversão do indivíduo moderno ao catolicismo, que o explora com o fim de manter e de fazer avivar, todos os anos, os instintos bestiais, lisonjando-os e estimulando-os.

«No Carnaval, não se põe uma máscara, não se transfigura um ser num ser que não é. Faz-se exactamente o contrário: é justamente nessa época que ele tira a máscara de uma civilização postiça, que atíve-la durante o resto do tempo, conforme a hipocrisia dos costumes, e mostra-se tal qual é: um selvagem!

«E' nesse momento que ele faz estender do seu baixo e repugnante sensualismo, de todos os seus torpes sentimentos, da sua nua ou inferior intelectualidade, da falta absoluta de Educação Social.

«Os costumes carnavalescos abrindo a válvula dos instintos mais recalçados pela censura estética-social, fazem-nos aparecer a superfície, e o indivíduo regressa ao estado primitivo, à pura vida sensorial, pouco acima da animalidade, em que a chula suza, a linguagem despejada, o palavreado obscuro — porco ou pornográfico — delata a sensibilidade pervertida, faz gargalhar, imbecilmente, um cérebro de selvagem.

«E todo o vício, toda a miséria humana económica e moral — se intensificam na lama destes sentimentos e fazem-se acompanhar da bestializante embriaguez, — pois que os costumes carnavalescos se alia, concomitantemente, o uso e abuso do álcool — origem da corrupção dos caracteres, e que são fonte perene dos actos anti-sociais, como prostituição, desordens, pugilatos, «grossa pancadaria», como é hábito dizer-se na linguagem dos colossos da informação jornalística.

«Uma sociedade em que há o entrudo, «vinho e touradas», o abuso-mania do desporto, a sua mentalidade e sentimentalidade, o seu psiquismo há de, forçosamente, ressentir-se e traduzir-se nesse torpor marasmático e estúpido, que se chama, por eufemismo, «o nosso indolentismo», e que afinal não é outra coisa mais do que a falta de sensibilidade moral, de carácter, de que esses factores são causa.

Conflito num baile

por motivo duma rixa antiga

No lugar de Feteis de Caneira, na freguesia de S. Quintino, do concelho de Sobral de Monte Agraço, residem José Francisco, de 43 anos, moleiro, seu irmão Silvestre Francisco, de 45 anos, proprietário, e António Francisco, de 40 anos e o jornalista Joaquim Laranjo, de 22 anos, todos dali naturais.

Em agosto último realizou-se naquele lugar um arraial, no qual o Joaquim Laranjo e o António Francisco se desaviram, resultando este agredir aquele com uma bofetada. Desde então o Laranjo passou a não ver com bons olhos o seu agressor e os irmãos. Ante-ontem, numa dependência da mercearia de Manuel Eloy Baptista, no mesmo lugar, efectuou-se um baile, onde também assistiram o Laranjo, o Silvestre e o José, tendo-se os dois primeiros, por motivo da rixa antiga, envolvido em desordem. Correu em socorro do Silvestre seu irmão José, que foi ferido com uma pedrada na cabeça que lhe fraturou o crânio, caindo prostrado. Acudiram ao José Francisco várias pessoas, sendo-lhe prestados na localidade os primeiros socorros e vindo depois para Lisboa, onde deu ontem entrada no hospital de S. José, sendo no Banco Operado pelos Drs. Luís Ottoni, Santos Paiva e Oliveira Martins, recolhendo depois em estado grave à enfermaria de S. Francisco.

"Educação Social"

Entrou já no seu segundo ano de publicação a excelente revista de pedagogia sociológica «Educação Social», dirigida brilhantemente pelo nosso amigo e erudito professor dr. Adolfo Lima.

O número que acaba de ser posto à venda, referente a 15 do corrente, insere o seguinte sumário:

«A Nova Orientação do Ensino da História», de José G. Santa Rita; «Higiene Social» e «Portadores de Órmenes», dr. Manuel Gito; «O Ensino das ciências fisio-naturais», António Lima; «A Escola Única», Adolfo Lima; «Factos & Documentos», «Página Selecta» e «Livros & Revisões».

Chamamos a atenção do professorado e do proletariado para o magnífico artigo sobre escola única do dr. Adolfo Lima.

Eden Teatro

(Telefone Norte 380)

Companhia OTELO DE CARVALHO

HOJE, ÀS 9,30 DA NOITE

A Inegável revista

FRUTO PROIBIDO

com todas as SENSACIONAIS ATRAÇÕES

Sábado — 1.ª recita de Carnaval

Domingo, Segunda e Terça-feira de Carnaval

3 ALEGRES ESPECTÁCULOS 3

com peças divertidas

seguidos de

deslumbrantíssimos bailes de máscaras

As divertidas e teatrais carnavalescas mais bonitas e atraentes da temporada. — Confrontem os preços e os espectáculos.

JULGAMENTOS

Realiza-se amanhã, no 3.º distrito criminal, o julgamento de João Marques e Carlos Saldanha que, em 29 do p.º, ficou adiado, por motivo de terem faltado algumas testemunhas de defesa.

A audiência deve começar às 11 horas e é advogado de defesa o dr. Sobral de Campos.

Também amanhã é julgado Jaurés Viagas.

Escusado é lembrar às testemunhas de defesa a conveniência de não faltarem.

DICKY

Muito poucas noites mais poderá o público seguir as engraçadas cenas desta comédia no Nacional, onde José Ricardo e Ribeiro Lopes têm brilhantes criações, visto que sábado devesse efectuar-se a «reprise» da peça de Lorjio Tavares intitulada, INGLESES.

UM PERIGO OU UM DES-SORAMENTO?

Um leitor chama-nos, sinceramente alarmado, a atenção para um perigo que o traz chio de exaspero e de negras apreensões: a mocidade, principalmente a da classe média, manifesta tendências francamente regressivas. Essa mocidade tira, contra, o chapéu, diante das fachadas das igrejas, assiste persistentemente a todas as missas, reclama com anseio a vinda da monarquia e regosia-se com as ditaduras que, após a guerra, irromperam e se enraizaram nalguns países. Exagera o nosso leitor. Essa mocidade não é perigosa, é desorientada. Não é uma força aguerida contra as nossas ideias, é uma debilidade linfática que afirma a sua quasi impotência em atitudes ridiculas.

Não se trata, pois, de inimigos que é necessário combater, mas de doentes que é indispensável curar. Em que redutos se bate essa mocidade sem vida, em que actos esses inefáveis rapazes de cabelos brancos afirmam as suas convicções? Estamos ainda à espera dum único sintoma da sua vida. E, até agora, só vemos um ou outro desses rapazes passar, num andar lento e preguiçoso, num andar senil, diante das igrejas e tirar, aborrecidamente, os chapéus.

Em convicções religiosas equivalem-se a essas raparigas que não creem em Deus — porque Deus não é desta época, passou definitivamente de moda — mas que aspiram a casar-se pela igreja, por que é chic. Assim são: convencem-se que é chic ser monárquico e fingem-no ser; acreditam que chic ser religioso e afectam crer no padre e no Vaticano, em Deus e no Nicotina.

Nunca uma ideia venceu por snobismo, nunca um bando de snobs pode constituir um perigo para quem consagra a sua vida a uma ideia.

Para que o nosso leitor recobre a serenidade dir-lhe-hemos que se derem a essa pseudo-mocidade a escolha entre a igreja e o cinema Condes, ela opta pelo Charlie, colocando em segundo lugar — Deus!

MOLA REAL

Já que está em voga falar dos acessórios das peças, justo é reconhecermos que também os autores e colaboradores desta revista, em scena no Apolo, têm o direito de felicitar-se pois que os seus cenários e guarda-roupa, não sendo de um luxo asiático, têm propriedade, fantasia, elegância e bom gosto.

Sociedades de recreio

Grémio Beirão — Amanhã, realiza-se na sala deste Grémio uma recita que constará da representação da peça em 3 actos «Coimbra, terra de amores», de Vicente Arnos, seguindo-se baile.

O produto da recita destina-se a auxiliar uma pobre ceguinha, podendo os bilhetes, cujo preço é voluntário, ser adquiridos na sede do mesmo grémio.

Sporting Club Barroca — Baile nos dias 21 e 24, com «one-stop» «maxixe», «fox-trot» e tango a prêmio.

OS QUE MORREM

Joaquim Henrique

Vitimado pela tuberculose faleceu ontem o camarada Joaquim Henrique, correio da Fábrica de Armas. Joaquim Henrique era um dedicado camarada que ao seu sindicato prestou inquebráveis serviços.

O funeral do bom companheiro realiza-se hoje, para o cemitério Oriental, saindo às 16 horas, da sua casa, rua da Bela Vista, à Graça, 4, 1.º.

O Sindicato do Pessoal do Exército convidou todos os seus camaradas a incorporar-se no préstito.

Artur de Abreu de Lima e Sousa

Com a bonita idade de 80 anos, faleceu anteontem o sr. Artur Jorge Ribeiro de Abreu de Lima e Sousa, pai dos nossos amigos e colaboradores dr. Adolfo Lima e António Lima. O funeral realizou-se ontem para o cemitério dos Prazeres, tendo feito representar-se a Escola Oficial n.º 1, onde António Lima é professor, por uma deputação de sete alunos e dois membros do corpo docente.

Celestino Pinheiro

Do hospital de São José, safu ontem pelas 14 horas, para o cemitério Oriental, o funeral de Celestino Pinheiro, residente na rua da Alameda, 12, 3.º, ao campo dos Mártires da Pátria, aquele pintor de bordo que, como noticiámos, caiu no dia 9 último ao porão de um vapor da Companhia Nacional de Navegação, fundado na doca de Santos, vindo a falecer no dia 12, na enfermaria de São Francisco, daquele hospital.

Da Morgue sai hoje, pelas 14 horas, para o cemitério de Benfica o funeral do alquilador Arnaldo da Silva Vieira, que na rua de Campolide, no passado dia 14, foi ferido por um tiro.

Teatro Nacional

HOJE EM RECITA DA MODA

A LINDA COMÉDIA DICKY

SABADO, 21: a hilariante peça

INGLESE DO MEIO

DOMINGO, 22: a deliciosa

HORA DE AMOR

Segunda-feira, 23: repete-se o DICKY

Terça-feira, 24:

INGLESE

Noite de alegria foi a de domingo com 2 BAILES DE MÁSCARAS 2

um no Salão Nobre e o outro na sala de espectáculo, abrihantados por 2 bandas de música

Sábado, domingo, segunda e terça-feira

4 GRANDIOSOS BAILES 4

Segunda e terça em «matinée»

BAILES INFANTIS

Os bilhetes para estas diversões à venda no camaroteiro

Os bilhetes para estas diversões à venda no camaroteiro

Os bilhetes para estas diversões à venda no camaroteiro

Os bilhetes para estas diversões à venda no camaroteiro

Os bilhetes para estas diversões à venda no camaroteiro

Os bilhetes para estas diversões à venda no camaroteiro

CONFERÊNCIAS

«A classe média», pelo dr. sr. Amâncio de Alpoim

Promovida pela direcção da Associação de Classe de Empregados de Escritório realizou o dr. sr. Amâncio de Alpoim uma parte da sua anunciada conferência sob o tema «A classe média», visto que a policia muito sabiamente entendeu não dever permitir a sua conclusão.

Antes de entrar propriamente no assunto o orador explicou o que era o comércio e demonstrou qual a posição das esquerdas sociais em face do patriotismo e do militarismo. Entrando, depois, no assunto da sua conferência, o dr. sr. Amâncio de Alpoim analisou demoradamente qual a posição e a influência da classe média nos grandes conflitos sociais, referindo-se especialmente à Revolução francesa.

A propósito cita o papel que nessa revolução tiveram as esquerdas — Montanha — e as direitas — girondinos — e como a sua influência foi vencida pela acção do centro, considerada a classe média.

Citando ainda outros factos o conferente, em interessantíssimas considerações, pretendia demonstrar que a classe média tem sido através dos tempos o factor que tem resolvido o choque das ideias entre as esquerdas e as direitas, luta incessante entre o passado e o futuro.

Quando o conferente prosseguia nestas considerações que nada tinham de subversivas, a policia julgou-se no direito de não permitir a continuação da conferência, tendo a assistência que era numerosa e em que se encontravam muitas senhoras, debandando na melhor ordem a pesar de extranhar a atitude estúpida da autoridade.

"Camões", de Garrett

Na sede central da Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, faz hoje o dr. sr. Sá Oliveira uma nova sessão de leitura comentada acerca do «Camões», de Garrett.

"História da Civilização"

Hoje às 21 horas, faz o professor sr. dr. Santa Rita, na sede das secções dos sindicatos Metalúrgico e da Construção Civil do Alto do Pina, uma conferência sobre «História da Civilização».

"Arte Portuguesa"

Na sexta-feira, na sede U. P. Portuguesa, central, prossegue a série de conferências que na semana passada foi iniciada, com muito êxito, pelo dr. sr. Jaime Cortesão, sendo esta realizada pelo professor dr. sr. João do Couto, que dissertará sobre Arte Portuguesa. Em todas estas conferências é a entrada pública.

"Construção Naval-Arsenais"

Promovida pelo Conselho Técnico do Sindicato dos Arsenais da Marinha, realiza-se hoje, pelas 21 horas a segunda conferência da série que este Conselho vem promovendo, sendo conferente o engenheiro construtor naval, sr. Salvador de Sá Noqueira, que dissertará sobre o tema: «Construção Naval-Arsenais», sendo a entrada pública.

"Frente única do proletariado"

Sob este tema realiza-se na sexta-feira uma conferência pública, para continuação da campanha de propaganda anarquista que a Federação Anarquista da Região Central está realizando.

E conferente Santos Arranha, do Grupo Anarquista «Povo Livre».

«A lei dos salários e o sistema de produção»

A convite da direcção da Associação dos Caixeiros realiza amanhã, pelas 21 horas, na sua sede, rua António Maria Cardoso, 20, 1.º, o sr. Manuel Ramos uma conferência sobre a lei dos salários e o sistema de produção. A entrada é pública.

No Sindicato da Construção Civil

O dr. sr. Câmara Reis realizou ontem, no salão do Sindicato Único da Construção Civil, por iniciativa da Universidade Popular Portuguesa, a primeira conferência da série que no mesmo local se propõe efectuar sobre «Questões sociais e morais na literatura». Apresentado pelo professor dr. sr. Ferreira de Macedo, que em breves palavras expôs os objectivos educativos daquela Universidade, ocupou-se o distinto conferente de vários escritores nacionais e estrangeiros e da sua obra, demonstrando-se sobretudo a análise dos «Miseráveis», de Victor Hugo, e de lei alguns trechos, explicando e comentando a escola e os intuitos do autor, um dos maiores dos românticos, que todavia tem em muitas das suas páginas semelhanças com Zola, a pesar de pertencer à escola naturalista. O conferente, que foi ouvido com a máxima atenção, prometeu ocupar-se, na sua próxima conferência, do «Germinal», de Zola.

FACTOS DIVERSOS

Partido Radical

Pedem os Armando Ramos que tornemos publica a sua declaração de que se desligou do Partido Radical.

— José António David pedem que publiquemos a sua declaração de que se considera, de hoje em diante desligado do Partido Radical.

Congresso de Ourines

Inaugura no próximo dia 1 de Março os seus trabalhos o congresso e exposição dos Ourives Portugueses, na sede do Centro Comercial do Porto.

Por ocasião do congresso sairá um número da revista «Esmeralda», que se encontra suspensa.

Il. colónia tapense

São convidados todos os tabacheiros residentes em Lisboa para uma reunião que se deve efectuar no próximo dia 20, pelas 20 horas, no Grémio Beirão, rua da Fé, 23.

Concurso de cégonas

Realiza-se no próximo sábado, na Secção Juvenil da Meia Laranja, um concurso de cégonas, sendo conferido prémio à mais científica e à mais ideológica. A comissão organizadora pede aos directores a fim de enviar os seus cartões para a sede, estrada dos Prazeres, 5, em qualquer noite.

N.º p. e o Camoel

Pedem a Companhia dos Camoelinhos de Ferro Portugueses para chamar a atenção do público que pretende deslocar-se de Lisboa ao passar nesta cidade a próxima época de Carnaval sobre a conveniência de adquirir bilhetes de ida e volta da sua tarifa n.º 7 de grande velocidade, atendendo ao longo prazo de validade desses bilhetes sem necessidade de ampliação, visto que para esse prazo não são contados o dia da venda e os 3 dias de Carnaval.

Assim, um bilhete vendido no sábado gordo em Lisboa-Rocio para Campanha, Gaia, Granja, Espinho, Covilhã, etc. ou vice-versa, cuja validade normal é de 6 dias, não é válido para regresso até ao domingo seguinte; os vendidos para Coimbra, Loulé, Aveiro, Lagos, Castelo Branco, etc. ou vice-versa, cujo prazo normal é de 5 dias são válidos para regresso até sexta-feira, e assim sucessivamente, o que, de facto representa uma grande vantagem.

Além destas estações, muitas outras há que vendem entre si bilhetes desta tarifa e que estão, portanto, em idênticas circunstâncias.

ULTIMAS NOTICIAS

NA CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO

A reunião de ontem do Conselho Confederal

Ocupou-se do artigo de «La Protesta» e da orientação de «A Batalha»

Reuniu ontem o conselho confederal, encontrando-se representados os seguintes organismos:

União: Olhão, Portimão, Almada, Seixal, Lisboa. Federações: Rural, Construção Civil, Metalúrgica, Marítima, Curores e Pêles, Livro e do Jornal, Mobiliária e Empregados no Comércio. Sindicatos Nacionais: Arsenal do Exército. Sindicatos Isolados: Mineiros de Aljustrel.

Presidiu Joaquim de Sousa, secretário-geral. Quirino Moreira e António P. dos Santos. Do expediente constavam os artigos da Federação Marítima, S. do Arsenal do Exército e Arsenal da Marinha e a cópia dum ofício enviado a este organismo pelo seu delegado ao conselho confederal. Todos estes documentos, contra as insinuações contidas no artigo de «La Protesta», e que «A Batalha» transcreveu.

Aprecia-se o artigo de «La Protesta»

Depois da sua leitura o secretário geral informa o conselho que em resposta aos protestos dos organismos referidos o nosso jornal já ontem se ocupou em artigo, o qual procede à leitura.

Manuel Rodrigues, da F. Marítima, declara que em tempos o conselho confederal estabeleceu o máximo escrupulo na transcrição de artigos, cuja matéria colidisse com a orientação dos organismos confederados.

Crítica a atitude seguida em face de «La Protesta» que, em seu entender, não foi dentro do respeito que devia merecer a resolução tomada.

Jesus Gabriel diz que o seu espírito conciliador não o impele para lançar mais leña na fogueira.

Acerta a resposta inserida em «A Batalha», sentido apenas que ela fosse extemporânea. António P. dos Santos recorda os comentários feitos em torno do Congresso Marítimo, acrescentando que as insinuações de «La Protesta» são a reedição daqueles comentários.

Com o artigo ontem publicado em resposta ao jornal argentino, entende que os arsenais ficaram libados, subindo para os marítimos as mesmas acusações.

Silva Campos, respondendo aos oradores, afirma que as palavras «não vale a pena fazer comentários» com que a redacção se refere à transcrição, não o faz apenas ao artigo de «La Protesta», mas sim a um outro que se segue de «La Vie Ouvrière».

Entende que o artigo-resposta não é simplesmente restrito aos arsenais. Ele desagrava os próprios marítimos pela satisfação que presta aos atingidos.

Os delegados dos marítimos insistem para que «A Batalha», numa local em separado do extracto do conselho, proceda de igual forma para aquela corporação, como o fez para os arsenais.

Jesus Gabriel apresenta a moção que noutro lugar publicamos, e que a requirimento de M. J. de Sousa se resolve que seja destacada do extracto do conselho confederal.

Um ofício da Federação dos Empregados no Comércio

Em seguida o secretário geral procede à leitura dum ofício da Federação dos Empregados no Comércio, lembrando ao conselho confederal a conveniência de nomear o delegado à comissão arbitral que deve rever a tese «Nova Estrutura da Organização», daquela indústria. O mesmo ofício acrescenta que a nomeação desse delegado foi aceite pelo representante da C. G. T., no Congresso Corporativo em que foi votada a tese.

M. J. de Sousa discorda a C. G. T. se imiscua na organização interna dos vários organismos, pois isso colide com a sua própria estrutura orgânica. Também, em sua opinião, o representante da C. G. T. não podia responsabilizar-se em central portuguesa intervir nessa comissão arbitral.

Silva Campos informa que o conselho nunca se ocupou desse assunto, não tendo por consequência nenhuma responsabilidade na participação da comissão em referência.

Manuel Rodrigues, da F. dos E. do Comércio, diz que existe um desdobramento federativo, expresso nas duas zonas — Sul e Norte. Para combater essa anomalia o Congresso entendeu proporcionar ensino para a classe se unificasse num só organismo federativo. Sente que o representante da C. G. T. não tivesse dado sequência às resoluções tomadas, que afinal apenas entregava à Central dos Sindicatos uma função arbitral.

Entre Artur Cardoso, Manuel Rodrigues, Joaquim de Sousa, Joel Pontes, M. J. de Sousa e António Marcelino trocaram-se várias explicações sobre a constituição do organismo e a representação confederal na comissão arbitral, a qual foi combatida pelos dois últimos oradores, por não estar dentro da função da C. G. T.

M. J. de Sousa apresenta a moção que segue:

«O Conselho Confederal, depois de tomar conhecimento do ofício da F. E. C. e de ouvir as explicações do respectivo delegado sobre uma comissão arbitral da qual deveria fazer parte, um delegado da C. G. T. para desempate, atendendo a que, para questões de estrutura orgânica corporativa, só os respectivos interessados, indivíduos ou organismos, podem e devem deliberar com conhecimento e com consciência dentro dos princípios da auto-determinação, resolve não nomear esse delegado fazendo ardentemente votos porque os organismos dos empregados no comércio, em novo Congresso ou por referendo, resolvam essa questão dentro dos bons princípios sindicais revolucionários. O Conselho resolve mais que o C. C. oficie à mesma Federação explicando-lhe circunstancialmente o espírito desta resolução, que de modo algum significa desconsideração para com a mesma».

Manuel Figueiredo concorda com a moção, mas entende que embora a C. G. T. parte e sua atitude expressa na doutrina do documento aprovado, deve no entanto prestar todo o apoio para que cessem as desinteligências que motivaram esta discussão.

Em seguida é aprovada a moção referida

Em volta dum artigo

Joaquim de Sousa informa que a organização metalúrgica, por intermédio de todas as suas células, apreciou o artigo inserido no suplemento de sexta-feira «O Parlamento» uma agência de negócios», tendo manifestado a sua profunda discordância com o critério ali expandido, que, em sua opinião, é anti-sindicalista. Depois de fazer a sua leitura, o orador critica a matéria ali inserida, terminando por lembrar a conveniência do facto se não repetir, devendo até ser aclarado devidamente.

M. de Figueiredo, da U. S. O. de Lisboa, traz também protestos do seu organismo contra o artigo em questão, e o desejo dele ser aclarado. Com o editorial hoje publicado julga o assunto devidamente esclarecido.

Manuel Rodrigues, da F. Marítima, entende que a orientação de «A Batalha» não satisfaz nem a gregos nem a troianos. Afirma-se que se a orientação do jornal puramente sindicalista evitaria essa anomalia.

Jesus Gabriel lamenta também que «A Batalha» tivesse publicado um artigo de protesto contra a dissolução da Associação Comercial e um sulto de combate ao presumível assalto ao «Século».

Não devemos solidarizar-nos com instituições de bandidos, precisamente pela posição que temos na luta a desenvolver contra a sociedade burguesa.

Concorda com o artigo em causa, pois não vê perigos no sistema de representação parlamentar.

Artur Cardoso não aceita a doutrina do artigo, pois entende que ele faz propaganda eleitoral.

Advoga a necessidade do jornal apenas se inspirar na directriz nitidamente demarcada pelos congressos operários.

Francisco Viana observou que na própria manifestação de sexta-feira o artigo produziu a sua influência nos espíritos menos preparados nestes conflitos de opinião.

Como fundamentalmente o sindicalismo é anti-parlamentar, o porta-voz da organização operária portuguesa traz a sua missão defendendo o critério do sufrágio, embora veladamente.

Não se julga satisfeito com o artigo de hoje, porque ainda não aclara o caso.

M. J. de Sousa diz que o artigo em discussão é a cúpula da orientação que «A Batalha» tem ultimamente seguido.

Afirma que «A Batalha» tem-se desviado dos objectivos confederados, acompanhando mais ou menos a política das correntes chamadas esquerdistas.

Julga os organismos operários com o direito de a chamar à responsabilidade pela falta de firmeza no respeito que lhe deviam merecer as resoluções tomadas nos congressos nacionais. O jornal, diz, tem por vezes assumido um aspecto incolor, sem interpretar a verdadeira expressão da classe operária, orientação que vai influir na própria mentalidade do operariado.

Crítica a opinião de Jesus Gabriel e afirma que o sindicalismo revolucionário é contra a acção parlamentar e pela acção directa, profundamente negativa da opinião daquele orador. O conselho confederal não tem que pedir esclarecimentos ao artigo, mas sim repudiá-lo.

O orador ocupa-se em seguida da criação do cargo de director do jornal, feito com o propósito de remodelar-se o mesmo, o que ainda não viu devidamente consumado. A orientação de «A Batalha» tem que integrar-se nos objectivos confederados, conclui o orador.

Jesus Gabriel, respondendo a Artur Cardoso, historia qual tem sido a sua orientação, afirmando-se anarquista em princípio e intervencionista em face dos grandes problemas que interessam o mundo operário.

Encara-se a oportunidade do artigo

António Monteiro tem, em face do artigo, um critério paradoxal. Entende que o articulista soube interpretar a efervescência que decorria, razão porque não pode deixar de reconhecer-lhe a oportunidade e poder de lógica. Como militante operário não pode aceitá-lo, precisamente pela orientação da própria organização sindicalista.

Salienta que o assunto não tem possíveis esclarecimentos, mas sim que se deve pôr pedra sobre ele.

M

MARCO POSTAL

Perdido — J. Reis Lino. — Está no correio a serie pedida.

Fonte — Associação dos Rurais — Assinatura fica paga até 31 de Dezembro de 1924.

Errores — Associação Rural — Recebemos carta e vale para preços, e em 4 de Fevereiro os 5000 indicados.

Dono da Santa Iria — Associação dos Descarregadores de Mar e Terra — Suspendemos o envio do jornal por falta de pagamento, cujo débito é conforme postal que enviamos nesta data.

Dito — N. F. de Carvalho — Está já a 1.ª o jornal Recebemos os 10000 indicados, que pagou até 17 de Dezembro p. p.

Agenda de A BATALHA

CALENDÁRIO DE FEVEREIRO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	5	12	19	26	Aparece às 7,33
S.	6	13	20	27	Desaparece às 17,42
S.	7	14	21	28	
D.	1	8	15	22	FASES DA LUA
S.	2	9	16	23	Q. C. dia 8 às 9,30
T.	3	10	17	24	L. C. — 10 às 10,15
					L. N. — 11 às 11,15
					L. N. — 12 às 12,15

MARES DE HOJE

Praiamar às 10,26 e às 11,05
Baixamar às 3,09 e às 3,56

CAMBIOS

Paizes	Compra	Venda
Londres, 60 dias de vista	100,00	98,50
Londres, cheque	100,00	98,50
Paris	100,00	100,00
Buenos Aires	100,00	100,00
Brasil	100,00	100,00
Portugal	100,00	100,00
Argentina	100,00	100,00
Uruguai	100,00	100,00
Chile	100,00	100,00
Colômbia	100,00	100,00
Venezuela	100,00	100,00
Peru	100,00	100,00
Ecuador	100,00	100,00
Guatemala	100,00	100,00
El Salvador	100,00	100,00
Honduras	100,00	100,00
Nicaragua	100,00	100,00
Cuba	100,00	100,00
Puerto Rico	100,00	100,00
San Pedro e Martin	100,00	100,00
San Juan	100,00	100,00
San Carlos	100,00	100,00
San Felipe	100,00	100,00
San Marcos	100,00	100,00
San Rafael	100,00	100,00
San Salvador	100,00	100,00
San Sebastian	100,00	100,00
San Vicente	100,00	100,00
San Yago	100,00	100,00
San Yago de Cuba	100,00	100,00
San Yago de Chile	100,00	100,00
San Yago de Peru	100,00	100,00
San Yago de Venezuela	100,00	100,00
San Yago de Colombia	100,00	100,00
San Yago de Ecuador	100,00	100,00
San Yago de Guatemala	100,00	100,00
San Yago de El Salvador	100,00	100,00
San Yago de Honduras	100,00	100,00
San Yago de Nicaragua	100,00	100,00
San Yago de Cuba	100,00	100,00
San Yago de Puerto Rico	100,00	100,00
San Yago de San Pedro e Martin	100,00	100,00
San Yago de San Juan	100,00	100,00
San Yago de San Carlos	100,00	100,00
San Yago de San Felipe	100,00	100,00
San Yago de San Marcos	100,00	100,00
San Yago de San Rafael	100,00	100,00
San Yago de San Salvador	100,00	100,00
San Yago de San Sebastian	100,00	100,00
San Yago de San Vicente	100,00	100,00
San Yago de San Yago	100,00	100,00

ESPECTÁCULOS

TEATROS

São Paulo — A's 21 — La Argentina
Rio de Janeiro — A's 21 — Dicky
Lisboa — A's 21 — Mulher Nua
Trindade — A's 21 — A rosa de Stambul
Rio de Janeiro — A's 21 — Mola Real
Lisboa — A's 21 — Susie
Lisboa — A's 21 — Fruto Proibido
Lisboa — A's 21 — O 31
Lisboa — A's 21 — Companhia de circo
Lisboa — A's 21 — Variedades
Lisboa — A's 21 — O Cabo Simões
Lisboa — A's 21 — Tódas as noites — Concertos e divertimentos

CINEMAS

Olympia — Chado Tarras — Salto Central — Cinema
Cine — Salto Ideal — Salto Lisboa — Sociedade Pro-
motora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Es-
trangeira — Chanteleer — Tivoli — Tortoise

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98

Para as classes pobres
Medicina, cirurgia e pedras — Dr. Armando
Narciso — A's 4 horas
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar
— 2 horas
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães
— 2 horas
Peles e siliis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e
12 horas
Doenças nervosas, electrotipia — Dr. R.
Loff — 1 hora e meia
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos
— 2 horas
Doenças das crianças — Dr. Cordeiro Fer-
reira — 2 horas
Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oli-
veira — 12 horas
Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo
— 3 horas
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma
— 3 horas
Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 4 horas
Cancro e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4
horas
Raio X — Dr. José de Pádua — 4 horas
Análises — Dr. Gabriela Beato — 4 horas

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

Pedidos aos nossos Representantes e Depo-
sitários em Lisboa srs. Ferreira & C.ª, Lda — Cal-
çada do Marquês de Abrantes, 138 — Telef. C. 1302

PURGAÇÕES

Cura rápida e radical com a GONOSINA
Unico específico que não causa apertor de uretra
FARMACIA OLIVEIRA — 230, Rua da Prata, 240

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LÚCRO DE 10 %

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 50000
Sapatos em verniz 38000
Botas pretas (grande salto) 48000
Botas brancas (salto) 38000
Grande salto de botas pretas 58000
Botas de cor para homem 40000

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com
outra casa.
Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros,
15-0, com Filial na mesma rua, n.º 60.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Ater, assim como todas as
máquinas, tubos, molas, chaminés de 1 e
5 peças, tampões. Vendem-se no Largo
Conde Barão, n.º 55 e quiosque
Dirigido por Dr. Francisco Pereira Lima
É a casa que fornece em melhores con-
dições.

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso,
Articular, Artrítico, Muscular
"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço \$800 - - - - -

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas

— farmácias e drogarias —

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blen-
orragias crônicas e recentes. Resultados
imediatos e comprovados pelo distinto mé-
dico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bom Jardim, 440 — PORTO

FÁBRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

ESPELHOS BELGAS

Grande redução

de preços devido

à melhoria cambial.

Dr. Almirante Reis, 24-A — Telef. N. 4060

Ler o Suplemento de A BATALHA

? CALÇADO

MAIS BARATO QUE UM GASPIADO

Botas e sapatos para homem, senhora

criança em todos os tamanhos e qualidade

Todos os operários devem preferir esta

cas.

Sapataria Brasil

Rua da Madalena, 206 a 212

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres,

louça esmaltada, parafusos, fun-

dos para caldeiras,

— guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas,

cravo para serrador, serras circulares e de fita, etc.

84, R. DO OMEIRO, 86 — LISBOA — TELEF. 3930, N.º

gramas, FERRAGENS

Policlinica da Rua do Jardim do Tabaco, 90

Dr. Alberto Gomes, Cirurgião dos Hospitais — Ope-
rações, às 3 horas.

Dr. Alfredo de Vasconcelos, Assist. da Fac. de Med. —
Doenças dos olhos, às 2 horas.

Dr. Antonio de Almeida, Ex-Ass. do Oscar Helene-
Hein em Berlim — Ortopedia (Deformidades e paralisias
em crianças e adultos. Tuberculose dos ossos). Fisi-
oterapia (Electricidade, massagem, luz, etc.), às 3 horas.

Dr. Bernal Camacho, Assist. da Fac. de Med. — Clí-
nica geral. Doenças nervosas, às 3 horas.

Dr. Escobar de Almeida, Assist. da Fac. de Med. Ex-
Ass. do Prof. Strauss em Berlim — Medicina geral.
Doenças do estomago, intestinos e fígado. Endosco-
pia. Dietética, às 2 horas.

Dr. Eufreino Teixeira, Assist. da Fac. de Med. —
Doenças das mulheres, às 1 hora.

Dr. Francisco Martins, Assist. da Fac. de Med. —
Doenças das crianças, às 3 horas.

Dr. Moraes Cardoso, Ex-Ass. do Prof. Iadassolm
em Breslau — Doenças da pele e sifilis, às 2 horas.

Dr. Moraes David, Assist. da Fac. de Med. — Coração
pulmões. Clínica geral, às 4 horas.

Dr. Renato Nogueira, Monitor do Hosp. Necker em
Paris — Doenças dos rins e vias urinárias, às 4 horas.

Dr. March Rithias, da Fac. de Med. — Análises clínicas.
na Fac. de Med.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Dr. Benedito Guedes, Director de Radiologia no Hosp.
Escolar — Raios X. Rádio.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja

Gonçalves Correia — A Felicidade de

todos os seres na Sociedade

Futura. 500

Jose Prat — A burguezia e o prole-
tariado. 500

Content — Contra o confessionalismo.

Alfredo Neves Dias — Razão (poema-
to social). 500

Landauer — Social Democracia. 500

R. Meia — O principio do fim. 500

J. Most — A maçonaria e o proletariado. 500

J. Rio

Trovas da noite. 1000

Definições sociais. 500

Contos do revoluto. 1000

Roberto o Pescador. 500

*** Carnet de Pensamento. 1200

Bakunine — No sentido em que so-
mos anarquistas. 500

Chueca — Como não ser anarquista. 500



A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA ALEMANHA

Um novo processo de liquidação da social-democracia

Em Munich teve lugar um processo, lembrando o famoso processo Ebert de Magdburgo.

O bem conhecido social-traidor bávaro, Aver, perseguido como difamador dos dois antigos membros do partido social-democrata, Winter e Kaempfer, que escreveram uns panfletos, provando toda a sua traição e covardia política. Aver está ligado já há muito tempo com o conde Arcor, o assassino de Kurt Eisner, de quem era adversário político.

Os debates revelaram a dubia atitude do partido social democrata na Baviera, principalmente o papel desempenhado por Aver acerca dos próprios membros do seu partido durante os dias revolucionários de 1918. Aver declarou que tinha sido antes de tudo pela defesa da patria e contra a greve dos operários das munificões.

O povo alemão pagando as despesas da ocupação do Ruhr

Os aliados para cobrirem as despesas da ocupação do Ruhr lançaram uma percentagem sobre os lucros obtidos pelos industriais alemães.

Mas estes, não querendo sofrer as consequências da guerra que desencadearam, juntamente com os seus cúmplices da França, conseguiram que o governo alemão lhes entregasse para este fim 645 milhões de marcos-ouro.

Esta indemnização representa 15% do orçamento total da Alemanha, orçamento constituído pelos impostos pagos com o seu suor pelo proletariado de alemães.

Valu bem a pena, ao proletariado alemão entregar, após a revolução de 1918, o poder nas mãos da quadrilha social-democrata, que agora o oprime.

NA BULGARIA

O terror branco

As notícias vindas da Bulgária sobre a repressão que lá se tem exercido ultimamente sobre os revolucionários, são espantosas e ultrapassam em horror tudo que se possa imaginar.

O jornal «Svoboda» (Liberdade, órgão dos bolcheviques búlgaros) de 23 de dezembro escrevia:

«Há algum tempo a imprensa comunicou que perto da estação de Saremberg encontraram-se dois cadáveres sobre os quais tinham sido presas com alfinetes duas notas declarando que tinham sido executados como traidores e espíes.

Os dois cadáveres tinham sido desfigurados de forma, que foi impossível identificá-los».

Outros jornais também noticiaram o seguinte assassinato:

«No campo, perto da estrada Sofia Gourolagie, foi encontrado o cadáver duma rapariga elegantemente vestida, com o bonnet de estudante. No pescoço da assassinada estava preso um bocado de papel com estas palavras: «Passando, escarrai sobre esta vendida, traidora da patria». A vítima tinha apenas 17 anos. Foi à facada, que ela foi assassinada, e as feridas que tinha nas mãos indicam que ela se defendeu contra os agressores».

«Svobodnoje Dielo» (A causa livre, órgão anarquista) conta que em Ilatitz, o anarquista Titzelkov foi assassinado durante o sono, e prisioneiros em massa têm sido feitos nas fileiras das organizações avançadas».

NO EGIPTO

Continua a repressão

Os agentes do império inglês continuam a prender a torto e a direito no Egipto todos os elementos de que se desejam desfazer, acusando-os de terem tomado parte no assassinato de Lee Stack.

Uma simples denúncia, sem nenhuma prova, é suficiente para provocar a prisão de infelizes inocentes, e foi por este motivo que dois egípcios vendo-se vigiados, e não querendo cair nas garras da policia, decidiram fugir, e atravessar o deserto disfarçados em beduínos. Agentes da policia secreta, disfarçados-se igualmente em beduínos, e tomaram o mesmo comboio, que os fugitivos, quando estes abandonaram Alexandria. Chegadas à estação de Hamman mandaram parar o comboio, e de revólver em punho obrigaram os dois egípcios a seguir-lhes.

E' assim que a perseguição inglesa respeita a liberdade individual dos seus subditos das colónias!

NA ITALIA

Emigração e agitação operária na Italia

O commissário da emigração publica um comunicado em que diz que a França aparece como um terreno cada vez mais favorável para a emigração italiana.

Com efeito, nos primeiros nove meses de 1924 entraram em França cerca de 180.000 italianos. Todos os outros países seguem em muito menor escala como terra de emigração italiana.

Em Ponte Mariano, os operários de uma fabrica de tecidos, uns 1.500, declararam-se em greve para obter um aumento de salários; em 1921 tinham sido diminuídos de 3 liras diárias para os homens e 2 e 2,50 para as mulheres.

Os patrões, que realizaram enormes benefícios, negaram-se a conceder a mais pequena melhoria.

Em Lucreia reina uma efervescência ameaçadora no meio operário e esta agitação foi devida aos abusos dos patrões, os quais depois de ter diminuído os salários, queriam impor aos trabalhadores uma taxa sobre os salários para a construção dum campo de desportos.

Os operários dirigiram-se à C. G. T. que certamente tomará uma atitude enérgica contra a atitude brutal dos industriais reacçãoários e fascistas.

LA NOVELA IDEAL

A Revista Blanca que se publica em Barcelona acaba de lançar no mercado uma interessante coleção novelística cujo primeiro numero temos presente. E' de Adrian del Valle e intitula-se Mi amigo Julio.

O seu preço é de \$50. Pedidos à administração de A Batalha.

CONTRA O MOVIMENTO DAS "FORÇAS VIVAS"

Intensifica-se a campanha nacional contra a coligação dos comerciantes, agricultores e industriais que pretendem ser governo para melhor explorarem o povo trabalhador

Federação Nacional das Cooperativas

A Federação Nacional das Cooperativas dirigiu uma circular a todas as Cooperativas federadas a fim de intensificarem a propaganda contra a acção das oligarquias dos exploradores, interessando nela todos os explorados sem distincção de partidos ou tendências.

União dos Interesses Sociais

Reúne amanhã, às 21 horas, no local do costume, para tomar conhecimento da última resolução da U. S. O. e suas condições de colaboração com a U. I. S.

Uma sessão de protesto em Marvila

Promovida pela comissão de propaganda da secção juvenil do Beato e Olivais realiza-se hoje, pelas 20 horas, na Associação dos Corticeiros, Rua de Marvila, 57, uma sessão de protesto contra a acção desviada pelas «forças-vivas», devendo nela usar da palavra delegados da C. G. T., U. S. O., F. J. S. e os sindicatos da área.

Uma sessão em Mortágua que se não realiza, vivendo-se algumas horas em atmosfera de terror

COIMBRA, 15.—Conforme foi anunciado em A Batalha, devia realizar-se ontem, na vila de Mortágua, uma sessão de propaganda sindical e de protesto contra os maneios reacçãoários movidos pela União dos... rapinantes—assim é que bate certo—coincidindo essa sessão com a formação definitiva da direcção do sindicato da Construção Civil e Artes Correlativas de Mortágua, que se devia assim inaugurar.

Porém isso não pôde ser um facto realizavel, porquanto os indivíduos proprietários do Teatro-Club onde se devia efectuar a referida sessão, à última hora, se negaram a cedê-lo, sob um pretexto fútil e ultra-reacçãoário.

Entretanto os comentários corriam velozmente, dizendo-se na vila que estavam lá bolchevistas... claro está, com os maquiavélicos propósitos da revolução social... E, ao passarem pelas ruas da vila os bolchevistas em questão, que eram um delegado do Comité de Propaganda Confederal de Coimbra, e outro do grupo libertário «Os Rebeldes», da mesma cidade, alguns olhares de «forças vivas», cheios de escândalo, tentavam apereber-se das intenções sinistras daqueles que iam ali a incomodá-los, chamando todos os trabalhadores à verdadeira realidade da vida.

A principio, ante a recusa da casa, que «não servia para estas cousas», ainda se aventou a hipótese de realizar a sessão ao ar livre. Porém o tempo tal não consentiu, pois uma chuva miudinha e impertinente começou a cair, deturpando assim esse último recurso. Para a organização sindical dos trabalhadores, e para mostrar aos referidos cavalheiros que ainda que não queiram, a sociedade se ha-de transformar no sentido de desaparecer as castas e os mandos, vindo então os trabalhadores a ocupar o lugar que lhes pertence.—C.

Uma sessão de protesto em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 16.—Realizou-se ontem na sede dos trabalhadores rurais desta localidade, uma sessão de propaganda em que foram fortemente atacadas as pretensões das chamadas «forças-vivas».

Aberta a sessão pelo camarada Joaquim Nodam, é dada a palavra ao camarada Manuel Viegas Carrascao, delegado da Federação das Juventudes Sindicatas, que começa por lamentar não ser mais numerosa a assistência a esta sessão, visto que o grave momento que passa exige a máxima

união de todos os explorados, para se poderem impor contra as prepotências das oligarquias. Fala sobre o que é a União dos Interesses Económicos, e a acção que ela pretende desenvolver contra a Organização Operária com a sua ditadura.

Segue José J. Capote que disserta sobre o que poderia ser uma ditadura urdida pelas «forças-vivas» com um Cunha Leal à frente que pretende o restabelecimento da pena de morte em Portugal, pena essa que não iria servir para os altos potentados da finança, do comércio e da policia, que cometem toda a casta de latrocínios, mas sim para os trabalhadores que sabem revoltar-se.

Fala Adriano Pimenta que se refere à falta de cooperação de todos os trabalhadores dentro dos seus sindicatos, e à perniciosa acção de certos operários que estabelecem a intriga no seio da Organização.

Segue novamente no uso da palavra Viegas Carrascao, que combate os vários factores da desorganização dos trabalhadores, entre eles a taberna, o futebol, etc., referindo-se também à acção das Juventudes Sindicatas na presente e na futura sociedade.

No final da sessão foi aberta uma quete a favor de A Batalha que rendeu 20\$00.—C.

Ainda o comício de Cascais

Recebemos a seguinte carta:

«Sr. redactor.—No relato publicado em A Batalha de hoje sobre o comício realizado anteontem em Cascais há uma inexactidão que convém esclarecer eu não propuz que uma comissão fôsse procurar o delegado do governo pedindo-lhe o encerramento da Associação Commercial, mas que se constituísse uma comissão que evitasse que no comício de Cascais voltasse a reunir a famigerada União dos Interesses Económicos, e que desta resolução, para efeitos futuros, se desse parte ao delegado do governo.

Como vê, é bem diferente, e no meu espírito não podia estar a ideia de proibir o direito de reunião a quem o merece, mas como acho que a U. I. E. não tem razão de existir, porque a sua única finalidade é voltarmos ao período dos latrocínios e cercar, se um dia fôsse governo, as nossas liberdades. Eis porque apresentei a moção.

Não estava presente no momento da votação e só devido ao delegado da C. G. T. tã-lha interpretado em sentido diferente, a moção foi reprovada, pois se eu estivesse presente teria esclarecido a assembleia e a aprovação era certa visto estar no espírito de todos. Estava e continuo a manter-me no meu campo de combate aos exploradores e hei-de fazer tudo quanto possa para que na caverna dos leões não façam ninho os milhafres.

Muito grato pela publicação destas linhas se confessa o vosso—Eduardo Pires.

Os rurais de São Manços protestam

SÃO MANÇOS, 15.—Reuniu-se em assembleia geral, ontem, a Associação dos Trabalhadores Rurais, tendo António Romão Vidal feito referência à odiosa ditadura que as «forças vivas» pretendem instaurar a fim de roubar aos trabalhadores as poucas liberdades que conquistaram à custa de tanto sangue. Falou depois Francisco José Chagas, considerando que o povo trabalhador, aspirando à sua integral emancipação, deve ser a sentinela vigilante da liberdade. Votou-se um protesto contra os maneios da União dos Interesses Económicos e o apoio à organização operária na acção que contra ela intende.

A sessão decorreu entusiasticamente, sendo encerrada aos vus a A Batalha e C. G. T.—E.

No bairro da Ajuda

Continua sem solução o conflito

Encontra-se sem solução o conflito entre os operários das obras das casas económicas da Ajuda e o sr. Craveiro Lopes, engenheiro da obra, por motivo de este senhor ter nomeado como encarregados da obra e fiscal dos guardas-três indivíduos que há bastantes meses têm andado afastados da obra em comissão para tratar dos interesses dos operários, nada tendo feito em favor dos operários mas sim em seu serviço particular. Os operários, vendo que estes indivíduos não tinham moral para assumirem esses cargos pelo motivo que acima fica exposto, resolveram não os aceitarem como encarregados.

Manteve-se o sr. engenheiro irredutível em frente das reclamações que lhes faziam os operários sobre o assunto, chegando a despedir 13 operários que eram aqueles que faziam parte de uma comissão que com esse senhor se entendia.

Os operários reuniram ontem, resolvendo como na sessão anterior não retomarem o trabalho sem os seus camaradas despedidos serem readmitidos, motivo por que os delegados do S. U. C. Civil vão hoje junto do ministro do Comércio procurar solucionar o conflito.

O S. U. C. Civil continua a lembrar a todos os operários da industria o seu dever a cumprir com os operários das obras das casas económicas da Ajuda, não os traíndo nas suas reclamações em transito pois que estes camaradas estão em luta por uma questão moral, e por isso nenhum operário deve ir para essa obra trabalhar.

Secção telegráfica

Federações

EMPREGADOS DO COMERCIO
Sindicato de Vila Real de Santo Antonio—Segue expediente.
Sindicato de Comar—Acusamos recepção de 40\$00, de que enviámos recibos.
Sindicato de Montemor—Rogo—idem 5\$50, idem.
Sindicato de Santarém—Vamos escrever sobre o assunto.

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Beja, preparatória do Congresso Rural

BEJA, 15.—A Federação dos Trabalhadores Rurais Portugueses vem realizando, em todas as terras do Alentejo, sessões de propaganda associativa, demonstrando aos interessados que, aproximando-se a realização do congresso desta industria, inúmeras vantagens têm em participar nessa magna reunião.

Uma dessas sessões realizou-se nesta cidade, à qual não só assistiram rurais, mas um bom número de operários de todas as industrias, que antes da hora marcada já a sala das sessões da Associação dos Rurais era pequena para os conter.

Manuel Benito, componente daquele organismo, abriu a sessão, usando em primeiro lugar da palavra J. J. Candieira, representante da F. R., o qual, depois de saudar a assistência, se detém um pouco explicando o que tem sido a organização rural no nosso país. Lamenta que a Associação dos Rurais de Beja se tenha desviado das resoluções que aceitou no último Congresso Operário Nacional, não sabendo se esse desvio é indicado por alguém na intenção de prejudicar as relações com a organização operária. Estamos próximos ao nosso congresso, afirma, e se os restantes sindicatos rurais assim procedessem, decerto não se realizaria. Felizmente é o primeiro sindicato que, através esta jornada, assim encontra. Termina apelando para os seus componentes a fim de descobrirem a intenção que há nesta manobra, e que no próximo congresso se façam representar.

Manuel Martins, da associação referida, diz que foram os associados que, verificando que a despesa era maior do que a receita, resolveram não contribuir temporariamente para a organização geral; tem este organismo que fazer a escritura do prédio que cobrita; tem de pagar uma bandeira que mandou confeccionar, e por isso resolveu não requisitar expediente.

Jerónimo de Sousa, representante da C. G. T., saudou todos os operários manuais e intelectuais de Beja e especialmente aqueles que vieram demonstrar que, através dos anos e por entre mil sacrifícios, sempre têm pugnado pela Verdade. A questão que se está debatendo neste sindicato, diz, não interessa só aos seus aderentes. E' o assunto de que se trata não é só de fortalecer a organização ou de trazer aos seus componentes as saídas dos organismos que representam. Descobre-se, a traços minuciosos a história do sindicalismo em Portugal, justificando a razão por que os seus militantes têm de ser caracteristicamente revolucionários. Demonstra com argumentos irrefutáveis que várias organizações operárias, que viviam esperanças com as promessas de políticos, tiveram que abandonar. Estes para alguma cousa de útil obtiveram. Comentando as palavras do camarada Martins, diz não lhe achar justificção para o procedimento que o seu organismo tem adoptado de há um tempo a esta parte. Termina apelando para todos os rurais que ponderem bem a situação em que se colocaram perante a organização operária portuguesa desde que não cumprem suas determinações.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

José Tavares, da I. S. V., depois de saudar todos os presentes, diz sentir-se bem junto dos trabalhadores por se encontrar à sua vontade. Afirma que o sindicalismo é aquele método indispensavel de que os operários se devem nutrir para conquistar melhores dias. Cita a água, que se deixa enclausurar e, depois de muitas tentativas de libertação, resigna-se. O sindicalismo, ao contrario, nunca se resigna; ele tenta despedaçar todas as algemas que lhe pretendam lançar. O orador termina apelando para que todos os operários se associem.—C.

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

S. U. C. Civil.—Secção Profissional dos Serventes.—A comissão administrativa resolveu que em todas as obras fôsse nomeado um delegado para receber quaisquer reclamações que aos serventes digam respeito.

—A mesma secção, convidou a comissão pró-A Batalha a vir retirar vau expediente que se encontra no seu arquivo.

Secção Profissional dos Pintores.—Reuniu em assembleia geral, hoje, a comissão revisora de contas, Miguel da Silva Ribas, Eduardo Ricardo, Américo Prazeres. Comissão administrativa: secretários, Américo Prazeres e Luís Miguel; tesoureiro, Inácio Marques. Conselho técnico, António F. de Almeida, José Bernardo, Félix A. Fernandes. S. U. C. Civil: Inácio Marques, Apriço Verissimos. Comissão escolar, Serafim R. Costa. Comité da casa, Miguel S. Ribas. Vogais para a direcção, Eduardo Amaral, Jacinto Estrela. Assembleia geral: secretários, Miguel da Silva Ribas e Eduardo Ricardo.

S. U. Fogueiros de Mar e Terra.—Reuniu em assembleia geral para nomeação de corpos directivos nomeando para a direcção: António Joaquim Vinagre, António Augusto e Albano Leite Pinto; assembleia geral: João Simões, António Andrade, Júlio Mendes da Silva e Gastão Cardoso da Cunha; conselho fiscal, José dos Santos, José Martins e José Carrelo.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação do Livro e do Jornal.—A's 21 horas, o conselho federal para tratar vários assuntos. Comissão redactora do «Gráfico», às 20 horas.

Federação C. Civil.—A's 21 horas, a comissão administrativa.

Encadernadores e Anexos.—A's 21 horas, as comissões administrativas, actual e transaccão, e o cobrador.

Operários Municipais.—A comissão de melhoramentos, às 14 horas, nos Paços do Concelho.

—A assembleia geral, às 20 horas, para, entre outros assuntos, tratar da attitude do sindicato, em face do acto eleitoral.

Contramestres, Marinheiros e Moços.—A assembleia geral, às 20 horas, para continuação dos trabalhos suspensos na sessão de ante-ontem.

Sindicato Único na Construção Civil de Lisboa.—Pelas 20 horas, em assembleia geral, para apreciar a attitude que o Sindicato deve tomar em face da crise de trabalho, nomeação duma comissão revisora de contas da gerência do 2.º semestre de 1924 e apreciar o regulamento geral dos sindicatos federados e suas secções.

S. U. Metalúrgico.—Secção do Povo do Bispo.—A assembleia geral, às 20,30 horas, para eleição de corpos administrativos e outros assuntos.

Conselho Técnico.—A's 20,30 horas, para continuação dos trabalhos da reunião anterior.

Federação dos Empregados no Comércio.—Junta Sul, às 21 horas.

Impressores Tipográficos.—A direcção, às 21 horas.

Manufactores de Calçado.—A assembleia geral, às 21 horas.

PARA DIAS PRÓXIMOS:

S. U. C. Civil.—Secção Profissional dos Estudantes.—Reúne em assembleia geral, na próxima sexta-feira, para apresentação de contas e nomeação da comissão revisora de contas.